



Arantes Jr., supervisor de vendas do grupo. A Toyota tem sentido grande interesse dos agora ex-acionistas da Vale do Rosário. Os modelos mais badalados são Camery e Hilux e não saem por menos de R\$ 150 mil. 'Muitos usineiros pagam à vista', diz Arantes". (Mônica Scaramuzzo e Raquel Balarin "Venda de usina movimenta Ribeirão Preto" Valor Econômico, 16/03/2007)

E os trabalhadores, os reais construtores dessa riqueza esplendorosa? Talvez poucos setores da economia brasileiros verificam uma contradição tão explícita entre a geração de riqueza e sua distribuição, entre opulência mais arrogante e vaidosa e miséria mais escandalosa e aviltante. As condições de trabalho na lavoura açucareira são comparadas às vigentes na época colonial brasileira:

"O novo ciclo da cana-de-açúcar está impondo uma rotina aos cortadores de cana que, para alguns estudiosos, equipara sua vida útil de trabalho à dos escravos. É o lado perverso de um setor que, além de gerar novos empregos e ser um dos principais responsáveis pela movimentação interna da economia, deve exportar US\$ 7 bilhões neste ano. Ao menos 19 mortes já ocorreram nos canaviais de São Paulo desde meados de 2004, supostamente por excesso de trabalho. Preocupados com as condições de trabalho e com a repercussão das mortes, as usinas estão mudando o sistema de contratação desses trabalhadores, antes terceirizados. A pesquisadora Maria Aparecida de Moraes Silva, professora livre docente da Unesp (Universidade Estadual Paulista), diz que a busca por maior produtividade obriga os cortadores de cana a colher até 15 toneladas por dia. Esse esforço físico encurta o ciclo de trabalho na atividade. 'Nas atuais condições, passaram a ter uma vida útil de trabalho inferior à do período da escravidão', diz.

Nas décadas de 1980 e 1990, o tempo em que o trabalhador do setor ficava na atividade era de 15 anos. A partir de 2000, "já deve estar por volta de 12 anos", diz Moraes Silva. Devido à ação repetitiva e ao esforço físico, "ele começa a ter problemas seríssimos de coluna, nos pés, câimbras e tendinite", afirma.

Para o historiador Jacob Gorender, o ciclo de vida útil dos escravos na agricultura era de 10 a 12 anos até 1850, antes da proibição do tráfico de escravos da África. Depois dessa data, os proprietários passaram a cuidar melhor dos escravos, e a vida útil subiu para 15 a 20 anos.

Moraes Silva, que desenvolve pesquisa com o apoio do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) sobre os migrantes cortadores de cana, acaba de voltar do Maranhão e do Piauí, novos polos de fornecimento de mão de obra para São Paulo. Uma das constatações da professora é que a maior exigência de força física no trabalho está forçando a vinda cada vez maior de jovens.

Aparecida de Jesus Pino Camargo, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Piracicaba (SP), diz que a maioria dos cortadores de cana está na faixa de 25 a 40 anos, mas que há cada vez mais jovens na atividade, com até 18 anos.

Para a pesquisadora, o trabalhador anda de 8 a 9 km por dia, sempre submetido a um

grande esforço físico, o que causa sérios problemas à saúde. “Esse trabalho tem provocado uma dilapidação, este é o termo, não encontro outro dos trabalhadores”, afirma ela.

Moraes Silva, porém, afirma que a situação começa a melhorar. Com pressão do Ministério Público, as usinas estão fazendo exames admissionais e adotaram várias medidas de proteção aos trabalhadores, diz. (Folha de São Paulo, Dinheiro, 29/04/07)

Indagado sobre o tema, o diretor técnico da UNICA (União da Indústria de Cana-de-Açúcar), o Sr. Pádua Rodrigues, declarou que tem "melhorado" nos últimos anos, sensivelmente, as condições de trabalho nos canaviais: a taxa de informalidade nos registros de trabalho caiu significativamente e várias empresas já oferecem proteção social e trabalhista prevista em lei e os níveis de renda subiram notavelmente também. Sobre as mortes nos canaviais, contesta a tese de que derivam do esforço físico excessivo, visto segundo ele não haver comprovação científica que relacionem a mortandade nas lavouras à intensidade do dispêndio do trabalho (Folha de São Paulo, Dinheiro, 29/04/07).

O Sr. Pádua Rodrigues faz escárnio dos sofrimentos dos homens e mulheres que produzem a riqueza que enche os cofres da UNICA: é de se perguntar se não caberia ao ilustre burocrata da entidade que representa os interesses dos usineiros e canavieiros realizar ele mesmo tal experiência e passar uma jornada de trabalho normal colhendo 8 toneladas por cerca de 800 reais. Os relatos sobre as condições de vida e de trabalho nos canaviais não deixam dúvidas de que as mortes nos canaviais se devem aos excessos de trabalhos dos boias-frias:

"Os impactos causados pela migração levaram a Igreja Católica a reunir religiosos de dez Estados, no fim de março, no Piauí. A irmã Inês Facioli e o padre Antônio Garcia Peres, da Pastoral de Guariba, que participaram do encontro, constataram que os mineiros perderam para os maranhenses o primeiro lugar na migração para São Paulo 'O Maranhão é o novo polo, mas há um fluxo da Bahia e do Piauí', conta o padre. De acordo com a irmã, as usinas dão preferência ao trabalhador que ultrapassa a cota de 10 toneladas diárias. Como a safra deste ano é maior, está sendo admitida uma percentagem mínima de carteiras branca. A maioria ainda viaja por conta e acaba sendo aliciada pelos 'gatos' de empresas que atendem usinas menores. Muitos voltam mutilados ou com problemas de saúde. Acabam ficando inválidos. A pesquisadora Maria Aparecida Moraes Silva produz um documentário sobre os mutilados da cana. Mesmo usando proteção, eles cortam as mãos, o lado das pernas, os dedos do pé. No plantio, se equilibram sobre o caminhão carregado e há quedas e atropelamentos. Ele relata casos de migrantes que tomam dinheiro de agiotas para viajar. 'A mulher e os filhos ficam como uma espécie de garantia do pagamento'. Antônio Francisco da Silva, 18 anos, desembarcou de um ônibus clandestino, em Guariba, para sua primeira safra. Foram três dias de viagem com mais de 42 boias-frias. Cada um desembolsou R\$ 210 para pagar o transporte. Raimundo Nonato Silva, 24 anos, foi quem acertou com a usina a locação do ônibus. Todos os recrutados são de Timbiras. 'Eles (a usina) pediram só nego bom de físico'. Os 42 migrantes dividem duas casas alugadas na Vila Jordão, periferia de Guariba, onde um quarto comporta até 12 pessoas" José Maria Tomazela, "Corrida por produção cria legião de excluídos". (O Estado de São Paulo, 01/04/07)

Um fato especial torna mais atormentante e brutal o trabalho nos canaviais: "Por causa de variedades de cana transgênica, mais leves e com alta concentração de sacarose, o cortador precisa trabalhar 40% mais para colher a mesma tonelagem de 10 anos atrás", José Maria Tomazela, "Corrida por produção cria legião de excluídos" (O Estado de São Paulo, 01/04/07). É impressionante como chegamos ao início do século XXI com as conquistas nos mais diversos campos de saberes científicos, tecnológicos e artísticos, e um simples vegetal é capaz de obter mais cuidados e zelos do que um ser humano: o camponês faz um esforço laboral mais intenso durante uma jornada de trabalho por causa da espécie de cana manipulada geneticamente, não utiliza normalmente equipamentos de trabalho de segurança para não acarretar custos adicionais aos canavieiros e para piorar a situação não recebe um salário monetário que permita comprar bens e serviços para repor minimamente as energias físicas e mentais consumidas nos canaviais. Torna-se precocemente incapacitado ou morre por esgotamento físico, enquanto a planta resiste altaneira nos campos obtendo dos canavieiros cuidados que muitos não dispensariam a mais linda donzela.

O ex-ministro da Agricultura do Governo Lula I, Roberto Rodrigues, é um dos homens mais ativos nos mercados de capitais e de crédito no ramo sucro alcooleiro; quer aproveitar a onda do etanol e enriquecer-se a qualquer custo. Em depoimento à Folha de São Paulo, o ilustre cidadão contesta a reportagem de domingo passado (29/04/2007) segundo a qual as condições de trabalho na moderna lavoura capitalista do açúcar são em termos de excesso de trabalho próximas às vigentes na época do escravismo colonial. Nas palavras de Rodrigues: "O ex-ministro da Agricultura Roberto Rodrigues, que comandou a pasta no primeiro mandato do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, disse ontem que o trabalho dos cortadores de cana é "bruto, pesado, mas bem remunerado". Marcelo Toledo "Cortador trabalha duro, mas recebe bem, diz Rodrigues". (Folha de São Paulo, Dinheiro, 01/05/07).

Folha de São Paulo colheu o depoimento de um dos maiores historiadores e intelectuais brasileiros, Jacob Gorender, que disse que a vida útil dos negros na lavoura até 1850 não ultrapassava 12 anos; apenas quando a abolição do tráfico internacional de escravos foi ratificada pelo parlamento brasileiro é que os escravocratas procuraram ser mais econômicos, poupando os negros dos excessos de trabalho com o intuito de prolongar a vida útil deles. A vida útil dos trabalhadores rurais no limiar do século XXI é inferior a dos negros nas plantações do período colonial e de metade do século XIX. Por que os capitalistas atuais não são mais parcimoniosos com seus trabalhadores a exemplo dos escravocratas do século XIX? Quando o abastecimento externo de escravos cessou em 1850, a perspectiva de escassez de mão de obra obrigou os plantadores a zelar do seu plantel humano de bestas de trabalho; os "escravocratas" contemporâneos dispõem de um imenso reservatório de mão de obra excedente, localizado nos mais distintos pontos da economia brasileira e podem sugar vida humana à revelia dos destinos dos pobres homens, porque uma vez esgotada a força de trabalho de alguns tem a seu dispor um gigantesco plantel de desempregados, prontos a substituir os trabalhadores que tombam incapacitados e mortos nos campos de cana-de-

açúcar.

O ex-ministro diz que, apesar do "trabalho brutal", o trabalhador é bem remunerado. Entretanto se tomarmos a remuneração absoluta do trabalhador pelo dispêndio de trabalho que ele deve realizar para alcançar as metas de produtividade da lavoura o salário relativo é baixíssimo, incapaz de compensar nem pequena parte de vida que minuto a minuto os camponeses deixam nos canaviais. Cada gota de suor contém dentro sangue que se esvai diariamente num trabalho de Sísifo, monótono, repetitivo, brutal e atormentante; a vida deixada nos canaviais não se recupera, mesmo que os cortadores de cana fossem remunerados pelos ganhos de um executivo de mercado, como o Sr. Rodrigues. O cidadão então responde colocando uma questão ao mesmo tempo cínica e ameaçadora: Ou isto (o excesso de trabalho) ou a máquina (o desemprego)?

"O corte de cana com a mão é um trabalho muito duro, bruto e a tendência é a substituição pela mecanização. Outra vertente mostra que a mecanização muito rápida produzirá um desemprego maciço no campo. É preciso encontrar um caminho de tal forma que não haja nenhuma crise social a partir do desemprego nem crescimento dessa imagem negativa de que o corte de cana é um trabalho similar ao trabalho escravo", afirmou o ex-ministro". Marcelo Toledo "Cortador trabalha duro, mas recebe bem, diz Rodrigues", Folha de São Paulo, Dinheiro, 01/05/07

Não podemos culpar o Sr. Rodrigues desse cinismo ameaçador; ele é apenas um ventríloquo, responde aos desejos e interesses de um outro ser social que lhe comanda a voz e as ações; esse ser social é o capital.

O Sr. Rodrigues é apenas a personificação, a forma subjetiva, do capital; o capital é uma coisa social, não tem alma, não tem sentidos, não tem consciência, pois todas essas qualidades são atributos pessoais e humanos; mas como um vampiro, toma o corpo e a consciência dos indivíduos e faz com estes ajam conforme suas determinações, cumpram como um executivo bem remunerado as funções que lhes cabem, que é expandir em bases ampliadas e permanentes o valor capital em suas mãos.

O Sr. Rodrigues tem pendores artísticos: gosta de literatura e até escreve alguma prosa poética de qualidade duvidosa; dizem pessoas que gozam da intimidade do grande homem que ele até choraminga ao som de uma sonata de Chopin e tem seu coração pulular diante de um soneto de Vinícius. Entretanto, quando fecha a porta do seu escritório e acomoda-se na imensa escrivaninha repleta de papéis, de dados, informações estatísticas, cifras milionárias, nas mais diversas denominações monetárias, e liga seu laptop, sua alma não mais lhe pertence, seus sentidos são de outro, todas as qualidades genéricas de homem que sente e se comove são absorvidas pela coisa. Então, ocorre uma transmutação: o ser humano se coisifica e a coisa, o capital, se personifica; entende-se por isso porque o Sr. Rodrigues acha normal que um outro ser humano, igual a ele, de carne e osso, possuidor das mesmas qualidades genéricas, sirva de besta de carga durante várias horas por dia para cortar dezenas de toneladas de cana por

meros 800 reais e se espanta como um homem que ganha tão bem se torna um inválido ou mesmo morre ao final de 12 anos de vida laboral.

A JANELA ECONÔMICA é um espaço de divulgação das ideias e produção científica dos professores, alunos e ex-alunos do Curso de Ciências Econômicas das Faculdades Integradas Santa Cruz de Curitiba.

- Cada artigo é de responsabilidade dos autores, e as ideias nele inseridas não necessariamente refletem o pensamento do curso.

- O objetivo deste espaço é mostrar a importância da formação do economista na sociedade.